

## **A violência nas escolas e as suas causas**

### **(The scholarly violence and their causes)**

**Bruna Cassia de Oliveira<sup>1</sup>; Hélio José dos Santos Souza<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Graduação-Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro - SP  
bruna-oliveira.18@hotmail.com

<sup>2</sup>Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro – SP  
h\_jota@yahoo.com.br

**Abstract.** *The scholarly violence has become a widely discussed topic by educators, media and also it has become a target of research in academy, because the school has been experiencing a critical moment, because the place that should be a space for teaching / learning, has become a space of vandalism, physical and verbal aggression. One of the most common questions is about the factors that induce violence on individuals. If education agents are unaware of the causes that lead students to be aggressive, consequently they won't know how to deal with the conflicts that appear in the classroom. This research aimed to investigate the factors that contribute to the worsening violence in schools from the relationships between the school, family and society.*

**Keywords:** *violence; family; school; society.*

**Resumo.** *A violência nas escolas tornou-se um tema bastante discutido pelos educadores, pela mídia e também um alvo de pesquisa no meio acadêmico, pois a escola tem passado por um momento crítico, pois no lugar onde devia ser um espaço de ensino/aprendizagem, tem se tornado um espaço de agressão física, agressão verbal, vandalismo. Uma das indagações mais comuns é sobre os fatores que induzem a violência nos indivíduos. Se os agentes da educação desconhecem as causas que levam os alunos a serem agressivos, consequentemente não saberão lidar com os conflitos que aparecem na sala de aula. Esta pesquisa objetivou investigar os fatores que contribuem para o agravamento da violência nas escolas a partir das relações entre a escola, a família e a sociedade.*

**Palavras-chave:** *violência; família; escola; sociedade.*

## **Introdução**

Atualmente, temos percebido que a escola tem vivenciado um momento crítico em relação a violência, como a agressão verbal, física, o vandalismo, entre outras ocorrências. Muitos profissionais da educação se veem de mãos atadas mediante a essa problemática.

Noronha (2013), presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) realizou uma pesquisa entre janeiro e março de 2013 com 1.400 professores, em 167 municípios paulistas, onde apontou que 44% dos professores já sofreram com algum tipo de violência, sendo 39% com agressões verbais, 10% com assédio moral, 5% com agressões físicas. Nesta mesma pesquisa 84% dos professores afirmaram ter conhecimento sobre casos de violência nas escolas que lecionaram. Um dado muito interessante sobre quem são as vítimas indicou que 83% das vítimas são os próprios alunos e 44% são os professores.

Existem algumas esferas que contribuem para a formação e desenvolvimento do indivíduo, como a família, a sociedade e a escola. Partindo dessa concepção, analisaremos e avaliaremos até que ponto essas esferas são responsáveis pelo mau comportamento dos estudantes.

Devido à problemática da violência escolar, existem vários pensamentos do senso comum e até mesmo linhas de pesquisas que procuram dar respostas do porque que nesses últimos tempos a violência tem tomado uma proporção significativa no espaço em que deveria ser um lugar privilegiado para o ensino- aprendizagem.

De acordo com as pesquisadoras Dessen; Polonia (2007), a família é fundamental para o desenvolvimento físico, intelectual e emocional do indivíduo, ela, porém pode inibir e influenciar negativamente seu desenvolvimento. Córdula (2001) vai relatar que quando as crianças emergem ao mundo, o primeiro contato que elas tem é com a família, as crianças internalizam e exteriorizam todas as informações a sua volta, por exemplo, se ela vive num ambiente agressivo ela vai internalizar essas informações e vai exteriorizar tendo atitudes de agressividade.

A pesquisa realizada por Njaine; Minayo (2003, p. 129) apontou que uma das queixas apresentadas por vários professores foi o fato de muitas famílias se constituírem como uma instituição violenta, em que há ausência de diálogo e de presença afetiva. Nesta pesquisa um dos alunos chegou a declarar que “a violência até dentro de casa influencia os jovens”. Se analisarmos a violência somente pela interação que existe entre família e sujeito, a família poderá ser considerada totalmente responsável por algumas ações de violência e de indisciplina que os alunos cometem no interior escolar, considerando que é no âmbito familiar que os jovens mais convivem, se relacionam e internalizam tudo de positivo e negativo, e a escola o espaço em que os jovens exteriorizam o que internalizam em casa.

Além de sofrer com a violência, a escola sofre com a falta de apoio da família.

A escola atual recebe dos pais a responsabilidade única pela formação de seus filhos; os pais não participam, nem desejam participar da vida do filho. E a indisciplina e a agressividade passam a ser formas de a criança e/ou o adolescente denunciar tal abandono. (FIAMENGLI; XIMENEZ, 2010, p. 32).

A escola por si só não pode resolver todos os problemas, ela precisa do apoio da família e da consciência de que a mesma tem sua função na educação de seus filhos. Segundo Fiamengli; Ximenez (2010), muitos pais acabam colocando seus filhos em escolas de período integral para que estes não os atrapalhem profissionalmente, e atribuam à escola a responsabilidade de mostrar o caminho certo a seus filhos.

Se a família se unisse a escola, amenizaria os problemas que ela enfrenta em relação a violência. Queremos enfatizar o fato de que o dever da escola não é interferir na educação que os pais dão aos seus filhos, mas trazer a família para próximo dela.

Não é papel da escola interferir em como os pais devem educar seus filhos; mas deve sempre questionar o que eles pensam de uma atitude de indisciplina ou agressividade que seu filho vivenciou na escola, até mesmo para humanizar este dinamismo no qual todos buscam uma atitude certa. (FIAMENGLI; XIMENEZ, 2010, p. 36).

Tanto o professor quanto a família tem sua função sendo elas, porém, distintas. “Família e escola não são a mesma coisa, e uma não é a continuidade natural da outra” (AQUINO,1998, p.8). O que vemos é que a escola tem realizado uma função que não pertence a ela, a de moralização do aluno.

O trabalho familiar diz respeito à moralização da criança essa é a função primordial dos pais ou seus substitutos. A tarefa do professor, por sua vez, não é moralizar a criança. O objeto do trabalho escolar é fundamentalmente o conhecimento sistematizado, e seu objetivo, a recriação deste. O resto é efeito colateral, indireto, mediato. (AQUINO,1998,p.8).

Outro fator que contribui para a violência nas escolas é o fator sócio-cultural. Segundo Durkheim ( 1978, p. 42) o “ser social não nasce com o homem, não apresenta na constituição humana primitiva, como também não resulta de nenhum desenvolvimento espontâneo”.

O que devemos levar em consideração é a bagagem cultural que os alunos carregam.

[...]a violência está longe de ser uma manifestação de irracionalidade remete a um padrão, uma linguagem, a uma maneira de organizar a experiência da sociabilidade, a certa modulação de culturas que ordena as disposições subjetivas e os comportamentos, os processos de sociabilização e reprodução dessas linguagens precisam ser investigadas e descritos. (ROUTTI, 2010, p.342 apud SOARES, 2006).

A pesquisa de Routti (2010, p.344) demonstrou que a violência no entorno da escola estava influenciando no seu interior. “[...] a escola que denominei ficticiamente de ‘Escola Estadual Leste’, foi indenticada como fortemente afetada pela violência que surgia tanto das próprias relações escolares como processos externos adentravam os muros escolares”.

Levando em consideração o aspecto sócio-cultural dos alunos, a escola tem sua parcela de responsabilidade na ação agressiva e de indisciplina dos estudantes. “Indisciplina é um evento escolar que estaria sinalizando, a quem interessar, que algo,

no ponto de vista pedagógico, e mais especificamente da sala de aula, não está se desdobrando de acordo com as expectativas dos envolvidos” (AQUINO, 1998, p.14).

Alves; Campos; Sabastião (2003, p.46) vão dizer que “situações de violência tem sua origem no insucesso da escola em atingir os objetivos educativos que lhes são determinados”. Se a escola não está conseguindo atingir seus objetivos é porque existe uma falha no seu Projeto Político Pedagógico que não está atendendo as necessidades da sua “clientela”. “Neste documento, a escola deve revelar não somente o que entende por educar, por exemplo, e sobre quais visões pedagógicas estaria apoiada, mas em que direção desejaria seguir e as metas a serem buscadas”. (GARCIA, 2008, p.372).

A postura do professor também pode contribuir para que os estudantes tenham atitudes inadequadas. Alunos declararam na pesquisa realizada por Routti (2010) que os professores tem atitudes desrespeitosas e desencadeiam a violência nos alunos. Na pesquisa da Njaine; Minayo (2003) os alunos também relataram a postura dos professores com relação a eles.

Alguns exemplos citados pelos alunos evidenciaram o comportamento autoritário e agressivo por parte dos agente responsáveis por sua educação e revelaram a significativa atuação da escola como espaço de mediação da violência, e o poder de transmitir os sentimentos mais positivos e os mais negativos com relação à vida aos adolescentes. Falar palavrões em sala de aula, chamar o aluno de “burro”, “ignorante” e tratar com desprezo são algumas das agressões citadas. (NJAINÉ; MINAYO,2003,p.125-126).

Routti (2010, p.354) afirma: “Respeitar o outro também constitui um processo de aprendizagem, e a escola pode e deve ser um espaço privilegiado para tal fim”.

Infelizmente, como saída para que a problemática da violência tenha um fim nas escolas, os profissionais da educação acabam que eliminando os “maus elementos”, com regras punitivas, esta prática deve ser repensada para que ao invés de eliminar a violência, a escola não acabe que reproduzindo-a, pois mesmo que as regras sejam seguidas, por medo, a escola não conseguirá de seus alunos o essencial que é o respeito.

No decorrer desse artigo iremos especificar mais detalhadamente o papel da família, da escola e da sociedade na construção moral do indivíduo e como essas esferas afetam diretamente o comportamento do aluno na sala de aula.

### **1.A família e suas responsabilidades na construção moral do indivíduo**

A criança ao nascer obtém seu primeiro contato com a família. Neste ambiente familiar a criança se desenvolve e aprende o que é certo e o que é errado. Por meio da mediação da família com a criança ela cria sua concepção de mundo. “No ambiente familiar, a criança aprende a administrar e a resolver seus conflitos, a controlar as emoções, a expressar os diferentes sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades da vida.” (DESSEN; POLÔNIA, 2007, p. 23 apud WAGNER; RIBEIRO,1999).

As crianças estão a todo instante aprendendo de forma positiva ou negativa por meio da observação, elas prestam atenção nos adultos a sua volta e aprendem a lidar com situações cotidianas baseadas nas práticas adultas, como, gestos, palavras, expressões faciais, vocabulário, entre outros, de acordo com Córdula (2011 apud NOLTE; HARRIS, 2009).

Córdula (2011) relata que a criança ao chegar na escola traz consigo bagagens de comportamentos, ou seja, aquilo que ela absorveu na sua relação com seu meio de convivência. “As crianças são como esponjas. Absorvem tudo o que fazemos, tudo o que dizemos. Aprendem conosco o tempo todo, mesmo quando não damos conta de que estamos ensinando”. (CÓRDULA, 2011, p.259 apud NOLTE; HARRIS, 2009, p. 15).

Se uma criança vive num ambiente em que ela está em constante exposição a violência física e verbal, conseqüentemente ela vai absorver tudo de negativo a sua volta e claro que não podemos querer que essa criança seja calma, tranquila e amorosa.

Njaine; Minayo (2003) relatam na sua pesquisa que professores e alunos responsabilizam a família/pais pela indisciplina dos filhos:

Na visão dos professores, seus alunos apresentam um comportamento agressivo, intolerante, apático e de baixo auto-estima. Alguns fatores são

apontados para esse comportamento: família[...]nas quais os pais que dedicam pouco tempo à sua educação e como resultado, esses jovens apresentariam dificuldades no relacionamento com o outro, e uma presença cada vez menor do adulto na vida da criança, comprometendo sua noção de civilidade e companheirismo. (NJAINÉ;MINAYO, 2003, p.4).

As autoras Dessen; Polonia (2007) também dão seu parecer sobre a importância da família na construção dos vínculos afetivos dos filhos, vejamos o que as autoras declaram sobre o assunto. “As figuras parentais exercem grande influência na construção dos vínculos afetivo, da auto-estima, autoconceitos e, também, constroem modelos de relações que são transferidos para outros contextos e momentos de interação social.” (DESSEN; POLONIA, 2007, p.24 apud VOLLING; ELLINS,1998).

Não podemos ignorar que a família é fundamental na formação moral do indivíduo, ou seja, ela é o lugar onde a criança irá construir seus valores, conceitos, sua identidade, portanto, a família é seu primeiro referencial.

Aquino (1998) vai nos dizer que a função da família é o de moralizar a crianças. As pesquisadoras Njaine; Minayo (2003) relataram também que umas das queixas dos professores foi a ausência dos pais na educação dos filhos e a delegação dos pais aos professores da responsabilidade de preparar os jovens para a vida.

O artigo 2 da LDB nos diz que a educação também é dever da família, entretanto, os pais não podem ficar omissos na educação dos filhos e nem delegar essa função totalmente a escola de prepará-los para a vida.

## **2. A violência e a escola**

Existe uma ideia do senso comum impregnada na comunidade escolar de que os alunos de hoje são sem limites devido a permissividade da família, segundo Aquino (1998). Este tipo de pensamento tira da escola sua responsabilidade frente a indisciplina dos alunos. Muitos professores acabam ignorando suas práticas em sala de aula por terem esse tipo de pensamento.

Para uma melhor compreensão sobre como a escola pode ter influência no comportamento dos alunos, dividimos essa parte em duas, sendo a primeira

explicitando a Proposta Política Pedagógica da escola e a segunda a postura docente. Vejamos.

## **2.1 A Proposta Política Pedagógica da escola**

Alves; Campos; Sebastião (2003, p.46) relatam que muitos alunos usam de agressões físicas e verbais para expressarem seus descontentamentos escolares, especificamente os autores salientam que “As ações violentas resultam da frustração dos alunos e traduzem-se em actos violentos por estes não serem capazes de lidar com o insucesso e sentirem-se agredidos durante o seu percurso escolar”.

A escola não tem conseguido cumprir suas promessas, ou seja, de trazer mobilidade social. Devido a este fator os alunos agem de forma violenta para manifestarem seus descontentamentos, Routti (2010) . A escola tem perdido o seu real significado mediante a um mundo cada vez mais globalizado. Mas qual é a solução para esta problemática? “A procura de soluções é concebida dentro de um quadro político e pedagógico com o objectivo final de obter a democratização do sucesso escolar (compreendendo este não apenas as aprendizagens cognitivas, mas também sociais e culturais).” (ALVES; CAMPOS; SEBASTIÃO, 2003, p.43).

Aquino fala de uma das hipóteses levantadas pelos professores, que “para os alunos, a sala de aula não é tão atrativa quanto os outros meios de comunicação [...] Por isso, a falta de interesse e apatia em relação a escola” (AQUINO,1998, p.11). Este é um pensamento equivocado, pois os professores podem tornar a aula atrativa e significativa para os seus alunos. Uma maneira para que isso seja possível é por meio da Proposta Política Pedagógica da escola.

Através da proposta pedagógica a escola vai especificar qual é o seu objetivo e a sua visão pedagógica. Esta proposta deve ser construída juntamente com a comunidade escolar, que são todos aqueles envolvidos diretamente e indiretamente na aprendizagem dos alunos. Uma proposta pedagógica bem construída, analisada e avaliada, poderá contribuir para a prática docente, tornar os conteúdos significativos aos alunos e a tornar as ações preventivas da violência mais eficazes.



## 2.2 Postura docente

Pouco se fala da postura dos docentes na sala de aula, mas é importante relatarmos neste artigo que, “[..] ao analisar as escolas, não basta focalizar atos criminosos extremos, [...] mas também “as violências simbólicas, verbais, morais, psicológicas” dos funcionários contra os alunos”. (KOEHLER, 2002, p.4 apud ABRAMOVAY, 2002). Noronha (2013) relata que 95% dos professores apontaram os alunos como os principais autores da violência, mas veremos que a postura docente pode colaborar em muito para com a violência dos alunos.

Muitos professores utilizam-se do poder para humilhar seus alunos. A pesquisa realizada por Njaine; Minayo (2003) mostrou que a humilhação foi a forma de agressão mais sofrida pelos alunos, inclusive na escola.

Os jovens apontaram as dificuldades que têm para lidar com o descaso da escola e a violência verbal por parte dos professores e funcionários da escola. As atitudes distantes e autoritárias dos professores obstrui o diálogo com os alunos e impede a verdadeira orientação. Alguns exemplos citados pelos alunos evidenciaram o comportamento autoritário e agressivo por parte dos agente responsáveis por sua educação e revelaram a significativa atuação da escola. ( NJAINE; MINAYO, 2003, p. 125).

A partir deste olhar sobre o autoritarismo dos agentes educacionais fica evidente que estes também utilizam da violência com relação aos alunos, sobretudo a violência psicológica.

[...] a violência psicológica como uma violência que envolve o abuso de poder, o controle sobre o outro e elenca uma série de ações/ATOS que são por ela, denominadas como “categorias do abuso verbal”: decidir pelo outro; ir contra o desejo/necessidade do outro; desaprovar; causar insegurança com ameaças e promessas; causar dano no desenvolvimento/emocional; (KOEHLER,2002, p.4)

Njaine; Minayo (2003) abordam que uma das expressões mais utilizadas pelos educadores são o de chamar o aluno de burro, de ignorante, não levando em consideração a autoestima dos envolvidos, agindo com violência psicológica.

Segundo Cabral; Carvalho; Ramos (2004 apud FREURI, 1997) as ações autoritárias dos professores acabam que prejudicando o relacionamento entre o professor e o aluno. Se o professor abusa da sua autoridade docente, conseqüentemente, ele terá um retorno não desejado de seus alunos. “Deveria haver um equilíbrio das duas partes: o aluno respeitando o professor como autoridade em sala de aula e, o professor respeitando o aluno como humano em processo de aprendizagem, formação de valores e construção de novos conhecimentos.” (CABRAL; CARVALHO; RAMOS, 2004, p.2)

No Estatuto da Criança e do Adolescente, o artigo 15 declara “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e a dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento [...]”, no entanto, as crianças e adolescentes tem por direitos legais o respeito. Claro que o respeito deve ser recíproco, professor respeitando o aluno, como um sujeito autônomo e pensante e o aluno respeitando o professor como um colaborador do processo da sua aprendizagem.

Levando em consideração a ação do professor versos a violência, entendemos que o professor também usa da violência psicológica para agredir seus alunos. Os docentes devem avaliar suas posturas dentro da sala de aula mediante aos seus alunos, pois se os estudantes são indisciplinados ou violentos pode ser que toda essa agressividade seja uma expressão de revolta e indignação deles por causa das atitudes dos agentes educacionais.

É extremamente importante que o professor tenha um relação próxima com seu aluno, dialogando e se interessando pelo o que seu aluno pensa. “Num modelo tradicional de ensino, o professor na sala de aula ensina e dá ordens e os alunos aprendem e obedecem” (CABRAL; CARVALHOS; RAMOS, 2004, p.2), portanto, dessa maneira fica difícil uma proximidade entre professor e aluno, gerando para o aluno um desconforto e acarretando em atos indisciplinares.

### 3. A sociedade como propulsora da violência no interior escolar

Não podemos deixar de abordar dentro da temática sobre a violência nas escolas os aspectos da sociedade. Veremos que as características culturais dos alunos e o contexto onde a escola esta inserida, ou seja, o bairro, pode ter uma influência significativa no interior escolar. Segundo Campos; Guimarães (2007, p.188) “A violência, enquanto fenômeno social complexo que suscita representações, deve ser compreendida a partir das condutas e práticas humanas [...]”, pois de acordo com os autores, cada grupo tem suas formas de representações, ou seja, seus costumes, condutas, que é denominado de práticas sociais, Campos; Guimarães (2007, p. 189) especificam que a “ a violência deve ser compreendida sempre como um fenômeno social”.

As RS [representações sociais], são, pois realidades “sociais” e culturais, e não apenas meras produções simbólicas de indivíduos isolados [...] As RS existem tanto na cultura, como na mente das pessoas. Elas não poderiam existir sem serem coletivamente percebidas e sentidas. Elas expressão e estruturam tanto a identidade, como as condições sociais dos atores que as produzem e as transformam. ( GUARESCHI, P.A., 2000, p.251)

Oliveira (1992, p.28) ao explicitar sobre a teoria de Vygotsky, ela diz dessa maneira que “É o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve que vai lhe fornecer, pois, o universo de significados que ordena o real em categorias (conceitos), nomeado por palavras da língua desse grupo”. A escola é o lugar em que as diversas culturas, línguas e representações sociais, são manifestadas, pois a escola é a instituição que recebe num só ambiente várias características de representações sociais. Partindo desta concepção, se a escola está inserida num bairro violento, conseqüentemente ela enfrentará problemas de violência e de indisciplina dos alunos (ou pessoas do próprio meio) devido a este fator. Na pesquisa de Noronha (2013), 81% dos professores entrevistados consideraram que os bairros onde os alunos moram e onde a escola esta situada (periferia), são violentos.

Sposito (2001 apud CARDIA,1997) demonstra em sua obra “Um breve balanço da pesquisa da violência no Brasil”, uma pesquisa realizada por Cardia, em que mais da

metade dos alunos entrevistados declararam ter presenciado vários delitos no bairro onde moravam, mas em suas declarações eles disseram que embora o bairro fosse um lugar violento a escola era menos violenta que o próprio bairro. Mesmo que em certo modo, a escola apresentava menor grau de violência que daquela que ocorria em seu entorno, reconhecemos que a instituição escolar era influenciada pela violência extramuros. “Nem muros, nem grades, nem vigias ou guardas parecem deter a violência externa, medidas disciplinares, igualmente são inócuos para resolver atos cada vez mais violentos indisciplina que eclodem em seu interior”. (PORTO; TEIXEIRA, 1998, p.58).

A Sposito (2001) vai dizer que muitos jovens mergulhados no medo e na insegurança por morarem num bairro violento desenvolvem estratégias de segurança e de identidade pessoal. Estes jovens por serem caracterizados por causa do bairro onde moram, acabam tirando vantagens desta situação e enfrentam outros alunos impondo medo e força, ou seja, eles agem com violência para não serem as vítimas dela.

Routti (2010) em sua pesquisa percebeu que escola pesquisada, sofria com altos índices de violência, ela observou que nos entornos daquela instituição havia presença de drogas, armas de fogo e armas brancas, enfim, várias coisas que caracterizavam aquele bairro como um local violento, a autora chegou a conclusão de que a escola estava sendo vítima de toda aquela violência externa.

Njaine; Minayo (2003, p.124) também detectaram na sua pesquisa em que as escolas que sofrem com a violência estão situadas em lugares violentos, nestas escolas muitos alunos disseram ter acesso a armas de fogo e armas brancas. “Alunos e professores das escolas públicas dos três municípios referiram, com maior frequência, conviver com todos os tipos de conflitos graves não resolvidos, sobretudo quando estão localizadas em bairros onde os eventos violentos são mais frequentes”.

Além de todo contexto sócio-cultural, existem vários meios de comunicação que podem ser fontes para que a violência se propague cada vez mais nos jovens, sobre esse assunto Guareschi (2000, p.253) vai dizer que “As representações sociais se apresentam, pois através de diferentes “modos” e diferentes “meios”. O mesmo autor explica o que são os meios e os modos da seguinte maneira,

[...]o modo tem a ver com a forma, o modelo, o formato, o método, a maneira como uma representação se apresenta. Esses modelos seriam hábitos ou costumes, as cognições individuais, a comunicação informal e a comunicação formal. Já o meio seria o canal, o veículo através do qual essa representação seria levada aos ouvintes [...]

Outro aspecto relevante levantado por Njaine; Minayo (2003, p.126-127) na sua pesquisa, são as entrevistas que os alunos deram, percebeu-se que os meios de comunicação são bem relevante no quesito da violência entre os jovens, “Vários depoimentos deram conta de que a televisão serve como fonte de informação, mas também incita à novas interpretações da violência, pela reapropriação que o jovem faz dessa informação”. Vale a pena ressaltar que os modos e os meios que as informações chegam aos indivíduos podem ser absorvidos de maneira negativa.

### **Considerações finais**

Ao analisarmos a violência a partir da família, da escola e da sociedade, percebemos que estas esferas podem sim contribuir para a formação moral do indivíduo, elas podem moldar pessoas com características agressivas e também podem provocar nelas ações que as levarão agir de uma maneira indesejada. Se os profissionais da educação entenderem isso, poderão buscar ações preventivas para com a violência e também para com a indisciplina.

Muitos acreditam que para combater a violência nas escolas basta apenas contar com mais policiamento, não descartamos que essa ação possa contribuir para a diminuição da violência, porém essa diminuição nada mais é que um controle do que uma ação preventiva, pois não irá transformar os sujeitos envolvidos e nem mesmo levará eles a uma reflexão, dos seus atos.

A partir dessa concepção de que a sociedade, a família e a escola são responsáveis pela formação dos indivíduos, essas esferas podem trabalhar juntas a fim de contribuírem para ações preventivas da violência. A escola pode trazer a família e a sociedade para se unirem a ela, como já relatado no artigo, através da Proposta Política Pedagógica da escola essa união se torna possível. Mas esta proposta não implica apenas

colocar num papel os objetivos e metas da escola, no entanto, é colocar todas essas discussões em ação. Contudo, um dos problemas que a escola enfrenta é que a família tem delegado à escola a responsabilidade de educar os filhos, muitos dos pais não se envolvem com a vida escolar dos seus filhos e nem sabem ou fingem não saberem que seus filhos agem com agressividade dentro da escola, se os agentes educacionais conseguirem trazer esses pais ou familiares para dentro da escola eles poderão contribuir para que a violência tenha um fim, pois tanto os pais quanto os professores poderão ter uma comunicação ativa sobre os problemas de indisciplina, dificuldades encontradas nos alunos de aprendizagem e claro que também os avanços escolares, a família pode também ajudar os docentes a elaborar projetos culturais dentro da escola.

Outro problema levantado no artigo é com relação o bairro em que a escola está situada que muitas vezes é violento e como consequência a escola acaba que sofrendo com essa violência, pois a escola não pode fechar as portas aos alunos dessa comunidade. A escola não pode fechar os olhos e fingir não ver o que acontece no seu entorno, pois é nessa comunidade que os alunos moram e tem contato com diversas representações sociais. A escola deve fazer, como já relatado, com que essa comunidade se una a ela, para assim levantarem alternativas estratégicas que contribua para a formação dos envolvidos, como por exemplo, aproveitando até mesmo o que essa comunidade tem para o bem dos alunos, como uma costureira que queira ensinar as alunas da escola corte e costura, padeiro, pintor, etc. pessoas que podem ensinar aos alunos uma profissão, e até mesmo levar a eles cultura e lazer. Mas não podemos esquecer que tudo isso deve estar proposto dentro da Proposta Pedagógica da escola.

O que muitas vezes acontece é que os agentes educacionais não sabem o que fazer com o problema de indisciplina e de violência e acabam que criando regras punitivas e expulsam os maus elementos. Os docentes que por causa de stress ou por mesmo puro autoritarismo agem com violência psicológica para com os alunos, tudo isso na tentativa de solucionar o problema, que por vezes fracassam nessas tentativas. Muitos professores acabam que sendo pejorativos ao darem aula numa certa escola ou numa certa sala de aula e com isso não acreditam que eles podem ser agentes de transformação na vida de seus alunos e não fazem nada para melhorar a qualidade da educação.

Não estamos dizendo que as regras é algo ruim, de maneira alguma, as regras são necessárias para a vida dos alunos, pois estes precisam saber seus limites, o que eles podem e o que não podem, sendo assim uma maneira de colaborar formação deles para a vida em cidadania e também para que a convivência na escola seja em harmonia. Mas o professor deve elaborar as regras junto com os alunos, porque sendo dessa maneira os próprios alunos irão se cobrar para o cumprimento dessas regras.

Mesmo que a escola esteja situada num bairro violento ou que tenha pais de alunos que não se importam com a vida escolar do filho e que muitas vezes são pais que até agridem seus filhos, mesmo que seus alunos são violentos, desinteressados com os estudos, ela não pode ficar omissa a tudo isso. Os agentes educacionais devem ter um olhar clínico com relação a seus alunos, sempre com a intenção de ajudá-los no seu desenvolvimento e também de contribuir para com a sua formação.

A escola jamais deve excluir os alunos e sim ela deve incluí-los, pois se ela não faz nada, desacredita que seja possível que os alunos podem avançar como pessoas dignas, ter uma profissão, concluir seus estudos, ter uma formação acadêmica e tornar bons cidadãos ela se torna uma escola excludente e reprodutora da desigualdade social. Uma escola que inclui acredita que a educação ainda é possível, procura meios e alternativas para tornar conteúdos sistemáticos significativos para a vida dos alunos e acredita nas suas potencialidades.

## Referências

ALVES, M. G; CAMPOS, J; SEBASTIÃO, J. **Violências na escola:** das políticas aos cotidianos. n.41, 2003 p.31-62.

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação.** São Paulo, SP: USP, v. 24, n. 2, 1998.

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília : 1996.

CABRAL, F. M. S; CARVALHO, M. A. V; RAMOS, R. M. Dificuldades no relacionamento professor/aluno: um desafio a superar. **Paidéia.** 2004, p. 327-335.

*Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 1 (1): 1-17, 2014.

CAMPOS, P. H. F.; GUIMARÃES, S. P. Norma social violenta: um estudo da representação social da violência em adolescentes. **Psicol. Reflex. Crit [online]**. 2007, vol.20, n.2, p. 188-196. ISSN 0102-7972.

CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. As crianças e a violência na escola: espelhos da sociedade. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: **UFSCar**, v. 5, n. 2, nov. 2011p. 256-266. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. Universidade de Brasília, Distrito Federal: **Paidéia**, 2007 p. 21-37. Disponível em: [www.scielo.br/paideia](http://www.scielo.br/paideia)

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 11.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.p. 91;

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, São Paulo, 2008.

FIAMENGLI JUNIOR, G.; XIMENEZ FILHO, J. Reflexões sobre a indisciplina e a agressividade na escola atual. In: VASCONCELOS, M.L.M.C. et al (orgs). **(In)disciplina, escola e contemporaneidade**. São Paulo: ed. Mackenzie, 2001. p. 27-39.

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: questões sobre mudança de paradigma. Itajaí: **Contrapontos**, v.8. p. 367-380. 2008

GUARESCHI, P.A. Representações sociais: avanços técnicos e epistemológicos. **Pucrs**. Porto Alegre-RS. 2000, n.3, p. 249-256

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Violência psicológica: um estudo do fenômeno na relação professor-aluno. Cf. **APSAC. Guidelines for Practice**. 2002. Disponível em: [www.apsac.org](http://www.apsac.org).

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. S. Violência nas escolas: identificando pistas para a prevenção. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.7, n.13, 2003 p.119-34.

NORONHA, Maria Izabel Azevedo. **Análise da pesquisa violência nas escolas: o olhar dos professores**. São Paulo. 2013. Disponível em < <http://www.apeoesp.org.br/>>

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o Processo de Conceitos. In: DANTAS, H.; OLIVEIRA. M.K.; LA TAILLE, Y. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teoria psicogenéticas em discussão**. São Paulo. Summus, 1992, p. 23-34.

ROUTTI, Caren. Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, SP: USP. v.36, n.1, p. 339-335, jan/abr 2010 .

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre a violência no Brasil. **Educ.Pesqui**. 2011, vol. 27 p.87-103. ISSN 1517-9702



PORTO, M.R.S; TEIXEIRA, M.C.S. Violência, insegurança e imaginário do medo. **Cad. Cedes**, 1998, v. 19, n. 47, p. 51-56